

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC**

*Programa de Mestrado Educação: Currículo*

*Interdisciplinaridade: princípios teóricos da investigação interdisciplinar*

*Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ivani Catarina Fazenda*

*Mestranda: Maria de Fátima Lemos*

***Reflexão sobre o texto***

***Espelho da educação:***

***Imagem imaginária e imagem refletida***

**São Paulo**

**2006**

## **Introdução**

Convidada a escrever sobre o sentido da disciplina Interdisciplinaridade: Princípios teóricos da investigação Interdisciplinar, no projeto de pesquisa **“Formação continuada de professores em ambiente virtual de aprendizagem: estratégias do Sentir-pensar como possibilidade de mudança de paradigma sob o olhar da complexidade”**, utilizei como metáfora o espelho. Passados dois meses desde a sua escrita, retornando ao texto, identifiquei que à época, a imagem desta pesquisadora não foi refletida em nenhum momento no espelho da educação. Presente estava somente a imagem refletida e imaginária, daqueles com os quais desenvolvo meu trabalho pedagógico. E hoje, pergunto-me: qual foi, naquele momento, a razão para que ficasse distante da metáfora? O que me levou a reler o texto? A perceber minha ausência no mesmo?

Esses questionamentos me remetem ao caminho trilhado desde minha aprovação no mestrado Educação: Currículo, na linha de pesquisa Novas Tecnologias, em 2005, passando pelas disciplinas introdutórias, no 1º semestre até as linhas de pesquisas em curso, neste 2º semestre. Porém, minha história de vida teve início lá nas Minas Gerais, terra das alterosas, numa cidadezinha com o nome de Passos. Caçula de seis irmãos, neta de um então “coronel”<sup>1</sup>, não que este fosse militar, mas apenas um título recebido por ser latifundiário e portanto, gozar de um certo poder político. Minha infância foi vivida entre a zona urbana e a zona rural; uma história que vem se construindo nas relações com o outro, seja na família, no trabalho, no lazer ou na vida acadêmica. E neste caminho vou percebendo o ser inacabado que sou e quão grandiosa é a vida por permitir-me a **humildade** de reconhecer que nada está pronto, acabado, finito.

Em algum fragmento lido, em tempos outros, que não sei precisar onde, Guimarães Rosas me ilumina a perceber: *“que as pessoas não estão sempre*

---

<sup>1</sup> Daqueles que dependiam do coronel, poucos eram instruídos. Os considerados alfabetizados eram aqueles que praticamente apenas desenhavam seus nomes para votarem nos candidatos políticos do coronel.

*iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.*

### ***Os caminhos do mestrado em Educação: Currículo - Contribuições das disciplinas no problema de pesquisa***

Por sentir-me em constante busca, começo a trilhar os caminhos do mestrado. E a partir de então, começo a refletir a imagem no espelho da educação. Hoje sinto que preciso acrescentar ao espelho da educação, o espelho da vida, pois, se exerço ações pedagógicas essas estão imbricadas com minha vida. Já bem antes do processo de seleção em 2005, um sonho me acompanhava: retornar ao estado de São Paulo para estudar com mestres renomados no âmbito da academia. Sonho que foi sonhado a partir de minha inserção no trabalho com as novas tecnologias da informação e comunicação. Por que? Nesta universidade estão professores que participaram das primeiras discussões no Brasil sobre o uso das tecnologias na educação e especialmente na escola pública. Mas porque retornar? Vale lembrar que neste estado, cursei desde o “ensino primário” até a graduação.

Ao utilizar a palavra “lembrar”, deparo-me com a disciplina Educação Brasileira, na qual discutimos o termo lembrança. Lembrança nos dá idéia de ensino, deixar uma marca, um sinal, um signo. E nesta rede **não-linear** que é o pensamento do ser humano, remeto-me aos anos 70, quando vivenciei uma experiência, negativa para aquele momento, pois não conseguia compreender a linguagem utilizada pelo professor do curso de programação: algoritmo, código asc, bits, bytes e tantos outros termos que para mim não tinham significado. Hoje reconheço a importância dessa experiência frustrante. Posso inferir que dessa experiência emergiu a necessidade de ampliar minhas leituras, minha área de conhecimento, e especialmente o reconhecimento de ser um ser limitado, mas não **determinado**, o que tem feito com que continue em busca de respostas para muitas questões em educação.

Pensando, pensando... Ethos? Termo que expressa como nós somos. Como educadora, percebo agora que toda a prática pedagógica desses 29 anos de magistério em escola pública torna-se a base do meu ethos, juntamente com as minhas relações fora da escola, na vida pessoal. Novo pensamento emerge neste instante: no dia 13 de outubro de 2006, um dia após as comemorações do dia da criança, uma notícia estampada na página principal do site Universo On Line - UOL, causou-me curiosidade e um repensar nas minhas ações pedagógicas: DACA, 13 Out (AFP) - O bengalês Muhammad Yunus, que foi anunciado nesta sexta-feira como o ganhador do Prêmio Nobel da Paz junto com seu banco, o Grameen, é conhecido como "o banqueiro dos pobres" e considerado o grande mentor do microcrédito destinado aos desfavorecidos de Bangladesh. Professor de economia, Yunus começou a combater a pobreza após uma mortífera fome que assolou seu país. Em 1976, fundou um pequeno banco que se propunha a oferecer acesso ao crédito aos mais pobres. Bangladesh é um dos países mais pobres do mundo, com uma renda per capita anual de cerca de 250 dólares. Nascido em 1940 em Chittagong, Muhammad Yunus é o terceiro de uma família de 14 filhos, dos quais cinco morreram nos primeiros anos. É formado pela universidade americana de Vanderbilt, no Tennessee<sup>2</sup>.

O leitor pode estar se perguntando: Que relação pode ter esta notícia com a educação?

Morin (2005) contribui com esta reflexão ao escrever sobre o acúmulo de informações com os quais nos deparamos no dia-a-dia.

É necessário, entretanto, ensinar e aprender, a saber, distanciar-se, saber objetivar-se e aceitar-se. Seria igualmente necessário saber meditar e refletir a fim de não sucumbir a essa chuva de informações que nos cai sobre a cabeça, ela mesma sucumbida pela chuva do amanhã, que nos impede de meditar sobre o acontecimento presente no cotidiano, não permitindo que o contextualizemos ou que o situemos. Refletir é ensaiar, e uma vez que foi possível contextualizar, compreender, ver qual pode ser o sentido, quais podem ser as perspectivas. Mais uma vez, para mim, a linha de força de uma sabedoria moderna consistiria na compreensão. (MORIN, 2005, p. 64)

---

<sup>2</sup> <http://www.uol.com.br> acessado no dia 13 de outubro de 2006

Suscitar no aprendiz seja ele adulto jovem ou criança, a leitura crítica, a compreensão de que o que acontece aos pobres de Bangladesh, não é diferente do que ocorre no Brasil. Proporcionar o diálogo na sala de aula sobre o que é veiculado nos meios de comunicação. Este talvez o maior desafio a superar para que haja uma transformação no modo de educar. Porém, este desafio há que ter início com o professor, a partir de sua reflexão sobre o mundo, e o que ele quer do mundo, que mundo ele deseja para si e para a humanidade. Será que já foi discutido, por exemplo, que este prêmio Nobel da Paz, é um diploma, uma medalha de ouro e um cheque de 10 milhões de coroas suecas (1,1 milhão de euros) – que será entregue em Oslo no dia 10 de dezembro, data do aniversário da morte de seu fundador, o filantropo sueco Alfred Nobel, inventor da dinamite.

A palavra escrita, falada é comunicação. Nesse sentido, Paulo Freire, nos seus escritos discute a palavra como oportunidade de expressar, refletir sobre o pensamento expresso e também colocá-lo em prática. Portanto, a partir de uma notícia é possível rever todo o sentido de educar. É um momento para a relação educando e educador. Fazenda (2003),

Se há interdisciplinaridade, há encontro, e a educação só tem sentido no encontro, a educação só se faz “avec”, ou seja, a educação só tem sentido na “mutualidade”, numa relação educador-educando em que haja reciprocidade, amizade e respeito mútuo. Numa educação antialogicizante, há a frustração, o bitolamento, a imbecilização. (FAZENDA, 2003, p. 39)

Retomando a reflexão sobre a metáfora do espelho, a prática pedagógica por mim refletida no espelho nos idos dos fins da década de 70 e meados da década de 90, era de desencontro entre esta educadora e o educando. O conhecimento sob a insígnia da separação, da disciplinaridade, da desintegração do todo em partes, descontextualizado. O mais intrigante e aflitivo nesta relação era a submissão do educando que não se manifestava, nem questionava. A palavra nesta situação apenas comunicava os conteúdos do livro didático.

A intencionalidade no ato de educar não se fazia presente. Alguns trabalhos científicos focalizam bem a questão da intencionalidade, a exemplo de PONCE (1989),

Há intencionalidade na ação do professor, na ação do aluno, e há transformação do conhecimento no processo transmissão-assimilação. Neste sentido há o trabalho do professor na realização de sua práxis profissional específica e o trabalho do aluno que re-elabora o conhecimento ao assimilá-lo. (PONCE, 1989, p. 64)

A partir das discussões na disciplina Teoria do Currículo, mais uma vez pude reconhecer que a história não é linear, não é feita somente de fatos, mas é dinâmica e composta de várias intencionalidades. Compreendi também que o papel do educador deve ser o de instigar a busca, proporcionar caminhos para que o aluno possa expressar seu pensamento, mas, sobretudo estar atento à rigorosidade da utilização da palavra, palavra que demonstra o entendimento e a compreensão, ter a experiência de alteridade, isto é, olhar o outro como outro e não como um estranho.

Hoje me vejo pensando em como é complexo o ato de educar, o ato de aprender, a vida. E neste vai e vem me deparo com a teoria da complexidade, a questão dos paradigmas e com o pensamento eco-sistêmico. Bem, qual a razão dessas teorias emergirem neste texto?

Ocorre que na disciplina Metodologia de pesquisa científica tive a oportunidade de ver a desconstrução e reconstrução do meu projeto de pesquisa. Cheguei ao mestrado com a certeza de que estava com um problema de pesquisa que fosse relevante, que tivesse relevância social, que pudesse enfim, colaborar com a superação de algumas dificuldades que os professores de escola pública têm encontrado em relação ao uso das tecnologias. E nesta disciplina pude compreender melhor o que é a construção do problema de pesquisa. Passei por momentos angustiantes, mas que me fizeram olhar o entorno, as entrelinhas e novamente a complexidade da vida.

Fui orientada a buscar nos teóricos algumas indicações para fundamentar o meu trabalho. Algumas leituras sobre o pensamento complexo, que não significa algo complicado, mas algo imbricado de contradições, como: certeza/ incerteza, objetivo/subjetivo, disciplinar/multidisciplinar/interdisciplinar/transdisciplinar, como diz Morin: complexidade é aquilo que é tecido em conjunto. Se é tecido em conjunto, como separar aluno e professor, disciplinas, sujeito do objeto, continuar

a ter certezas das coisas como se tudo estivesse determinado. E neste momento, faço link com uma de minhas interrogações surgidas em cursos que ministrei no NTE de Campo Grande: a discussão sobre projetos interdisciplinares. Sempre me intriguei com a maneira como este assunto era abordado. Sempre questionava a maneira como a palavra interdisciplinaridade era interpretada. Via de regra, quando lia os projetos, seus autores frisavam que tal projeto era interdisciplinar porque para desenvolver determinado assunto vamos convidar o professor de geografia, o de matemática, de ciências e assim por diante. Meu questionamento era: então este projeto é multidisciplinar. Nossa isso causava perplexidade nos professores e me via em situação delicada, pois também não tinha argumentos para explicar o que seria um projeto interdisciplinar.

Em busca dessa resposta, encontrei a linha de pesquisa Interdisciplinaridade: princípios teóricos da investigação interdisciplinar. Dela pude apreender que a interdisciplinaridade em um projeto de pesquisa antecede o mesmo porque é o sujeito que se percebe interdisciplinar, realiza ações interdisciplinares, porém não desprezando as disciplinas, é pensar o projeto antes, durante e depois. Num projeto interdisciplinar tenho que pensar nas dificuldades, as estratégias de negociação, na superação das dificuldades que acontecem a partir de um desejo de realizar o projeto. Que os princípios da interdisciplinaridade são a empatia, a humildade e o respeito. Hoje eu acrescentaria também o silêncio.

Sobre o silêncio e sua importância, destaco Morin (Inn. VEGA; STROH, 1999). É uma citação longa mas a meu ver necessária por fundamentar a inclusão do silêncio como um dos pontos fundamentais da interdisciplinaridade.

Podemos dizer que toda a civilização ocidental é uma civilização da agitação e do ativismo. E mesmo que você fique calado enquanto realiza ações técnicas, não se trata de silêncio. Há também muita tagarelice. Além disso, é preciso falar para nada dizer, porque aí reside um traço de civilidade: você encontra alguém na rua, cumprimenta e depois começa a conversar sobre o tempo... Você diz palavras que não têm interesse algum, porém são palavras de pacificação [...] Mas o que não se vê é a virtude do silêncio, que significa um certo recolhimento, uma interiorização, uma mediatização, uma reflexão; no silêncio o pensamento pode continuar, o devaneio pode expandir-se. No silêncio pode se estabelecer até mesmo o vazio, que como todo vazio é algo mais que vazio. O silêncio é uma coisa de que nos

privamos hoje em dia. Temos que reaprender o silêncio. Por certo não o silêncio integral, como em certas ordens religiosas. Mas reaprender as virtudes do silêncio. [...] (VEJA;STROH. 1999. p. 191)

Compreendi no silêncio a possibilidade de interiorização, de perceber meu espírito e também meu corpo, a necessidade de se fazer humilde e reconhecer que através de minhas limitações posso exteriorizar sentimentos marginais, porém intrinsecamente ligados como o orgulho de não ser reconhecida, mas também a oportunidade de exercitar a humildade. E no silêncio encontrei a força da ação, das atitudes, da palavra interiorizada e falada.

Enquanto aluna, na década de 60, a sala de aula era um espaço de muito **silêncio**, de apenas escutar as informações (que à época talvez tivesse a idéia de que isto era conhecimento) que vinham de um ser iluminado, que teria que memorizar para sair bem nas provas, um lugar onde também existia o medo de contrariar o professor, medo do castigo, medo de não conseguir “decorar”<sup>3</sup> a contento os conteúdos. Não percebia o processo de transformação pessoal e social pelo qual passava. Não percebia também que o conhecimento é construção histórica e por ser histórico se encontra no processo das relações interpessoais.

Para Fernando Becker<sup>4</sup> (1993, p. 51), “O silêncio é a morte do conhecimento não apenas em termos de produção de conteúdo, mas, e sobretudo, em termos de suas estruturas básicas, lógicas, orgânicas”.

Silêncio hoje refletido por mim como o momento em que posso me interiorizar, uma das vias para o auto-conhecimento, que traz outros questionamentos, outros links.

Interessante neste momento relatar uma experiência: participei de um evento como “palestrante”<sup>5</sup> com o tema Tecnologias e Formação de Professores. O que ocorreu de fato foi um bate papo, uma reflexão muito interessante. Na oportunidade, dois fatos me chamaram a atenção: um jovem, estudante de

---

<sup>3</sup> O processo de memorização de conteúdos era muito evidente, porém, ainda hoje faz parte do cotidiano de algumas escolas.

<sup>4</sup> Fernando Becker é licenciado em Filosofia, mestre em Educação e doutor em Psicologia Escolar.

<sup>5</sup> A palavra palestrante está entre aspas porque é necessário esclarecer que: a palestra dada por mim num evento de educação, na UNINOVE, São Paulo, em outubro de 2006, tinha como público um grupo de estudantes de graduação, em uma sala de aula.

Educação Física, muito expansivo e expressivo, entrou na sala de aula e foi logo colocando sua resistência contra o computador. São palavras suas: *odeio o computador que me faz passar raiva, me dá vontade de jogar no lixo. Tem coisas que ele dificulta...* e ao final de nossa discussão ele ponderou: *Gostei e até estou pensando em focalizar na minha monografia a questão das tecnologias*; o outro fato é que um aluno de camada social humilde, cuja história passou por ser monitor do Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, cursando pedagogia, deu-me a oportunidade de olhar com sensibilidade para cada um dos presentes e perceber que este aluno, de 54 anos, no seu silêncio, dizia: estou aqui e quero participar. Essa experiência me levou a uma reflexão de Freire,

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser êle mesmo: *a palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que êle se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos.

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 1978, p. 91)

Naquele momento sublime, o aluno pode expressar suas condições de vida, seu distanciamento das tecnologias, expor suas razões para não aceitar cursos à distância, sobretudo valorizar a presença do professor, que para ele é fundamental na aprendizagem. E neste momento me ocorre a Linha de Pesquisa Formação de Professores, da qual também sou aluna.

Este fato também me conduziu ao termo “escuta sensível”. E fui em busca de Barbier que o explica

Trata-se de um “escutar/ver” que toma de empréstimo muito amplamente a abordagem rogeriana em Ciências Humanas, mas pende para o lado da atitude mediativa no sentido oriental do termo. A escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a “existencialidade interna”, na minha linguagem) (BARBIER, 2004, p. 94)

O que é ser professor? É o exercício da imprevisibilidade. Imprevisibilidade que me defrontei neste evento. Havia elaborado uma apresentação no software PowerPoint e para minha surpresa, pouco dela utilizei, pois a discussão foi tão promissora que optei então por lançar mão de uma música sobre a paz que todos nós cantamos. Sim, é o exercício da imprevisibilidade, mas também da criatividade. Novas indagações vão emergindo na minha prática. Como lidar com a falta de ligação entre a racionalidade técnica e a pedagógica? Não se deve priorizar nem um nem o outro, mas religá-los. Em alguns momentos nos deparamos com profissionais que resistem aos novos elementos tecnológicos que vão sendo introduzidos na comunidade de aprendizagem e que também não se sentem embasados teoricamente para refletirem sobre sua ação pedagógica.

Vejo então a importância de re-significar a formação de professores a partir dos próprios sujeitos. O professor deixar de ser o dono do saber para ser parceiro, mediador. FELDMAN (2003), se refere ao professor do século XXI como sendo

...um mediador entre o conhecimento sistematizado e as necessidades dos alunos, na possibilidade de ampliar e diversificar formas de interagir e compartilhar experiências em novos tempos e espaços. (FELDMAN, 2003, p. 149)

Até que ponto os cursos de formação continuada levam em conta as necessidades dos alunos? Depois de algumas experiências frustrantes, de ler alguns trabalhos científicos que caminham nesta direção, hoje posso compreender que dentre as razões para a acanhada utilização dos laboratórios de informática ocorre devido ao fato de a formação ser realizada no NTE e não na comunidade de aprendente<sup>6</sup> de sua origem.

Mudar esse significado reprodutivista implica na alteração de valores. Por isso que formar, é formar em ação. O ser humano é um sistema complexo,

O ser humano é, desse modo, uma totalidade dinâmica, biológica, psicológica, social, cultural, cósmica, indissociável. As ciências positivistas só aparentemente reconhecem esse ponto de vista, já que elas o estudam como se o objeto de estudo – a pessoa – fosse só uma ou outra dessas dimensões, constantemente subdivididas especializando-se cada vez mais. (BARBIER, 2004, p. 87)

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pela dr<sup>a</sup> Marina Graziela Feldman, em suas aulas.

No paradigma tradicional o estudo do ser humano se dá de forma disjuntiva. Estudam-se a cabeça, o corpo, os membros, a corrente sangüínea separadamente, sem qualquer relação. Não dá mais para aceitar esse tipo de postura, pois a ação como professor, pode influenciar na vida presente e futura desse aluno. O professor é inclinado a não sair da rotina, a fazer sempre a mesma coisa, rotina essa que lhe dá segurança.

Ao conceber o pensamento complexo como uma das vias para que ocorra mudanças no ato de educar, não cabe o autoritarismo na relação com o aluno pois a incerteza está implícita neste pensar. Sendo assim, passo a considerar minha sala de aula heterogênea, sempre em movimento, com olhos para a interdisciplinaridade, porém, não descartando as disciplinas. Para PINEAU (1999) *Um ato só tem sentido quando ligado a seu contexto de conjunto, do contrário esteriliza em significações, direções e sensações fragmentadas.*

Na comemoração dos 20 anos do Grupo de Estudos de Pesquisa Interdisciplinar – GEPI, na PUC-SP, no dia 18 de outubro de 2006, algumas falas me chamaram atenção, no sentido de contribuição também para o meu projeto de pesquisa. Vou citar alguns fragmentos:

- o mundo é muito mais do que vemos no dia a dia;
- as coisas têm seu caminho próprio;
- como sobreviver numa universidade disciplinar.

Ainda neste evento a prof<sup>a</sup>. Ivani Fazenda expressou a coerência e simplicidade, se colocando à margem das homenagens, apesar de ser a homenageada, e deu voz a todos os alunos, ex-alunos e amigos. Momento muito especial, pois foi uma ação interdisciplinar, já imbricada em seu ser.

Pode-se inferir através dessas observações que a complexidade está presente na vida. A vida é complexa. Muito ainda tenho que aprofundar neste sentido.

Revisitando o texto de Gauthier, fiquei perplexa com o que me ocorreu. Parecia estar lendo-o pela primeira vez e aí pude ver a riqueza dos mesmo.

Neste momento, destes pesquisadores, pude captar a importância dos dados numa pesquisa qualitativa:

...os dados de pesquisas qualitativas não são dados objetivos, positivos, brutos, e sim narrativas (histórias de vida...), entrevistas coletivas e individuais, produções artísticas, ou seja, produções de sentido. Os dados já são interpretações do mundo...(GAUTHIER, 2004, p. 127).

### ***Conclusões preliminares***

Sentir-me pertencente ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar – GEPI - proporcionou-me vivenciar interdisciplinarmente o mestrado Educação: Currículo. As disciplinas não precisam ser nomeadas, pois os conteúdos das mesmas estão interligados, conectados, sem que uma se sobreponha à outra. Minha visão é de que o conjunto de conhecimentos construídos historicamente pela humanidade não prescindem da disciplinaridade, mas sim, do seu entendimento como totalidade, não desprezando as partes. De fato o encadeamento dos conteúdos do curso, tem colaborado para uma melhor compreensão de meu objeto de pesquisa: o curso de formação de professores, Sentir-pensar, tecnologias e mídias digitais: Educando desde e para a vida, proposto pelo Núcleo de Tecnologia Educacional – DITE, de Aracaju, SE, desenvolvido em ambiente virtual de aprendizagem, plataforma Moodle, na modalidade semi-presencial.

No paradigma vigente, modelo tecnicista, a transmissão de informação, com separação de disciplinas, de avaliação como controle, conteúdos pré-definidos parecem romper com as possibilidades de inovar o ensino. Professores se intimidam em inovar suas práticas e o que é ensinado na escola não contempla as expectativas dos alunos, que não se expressam, quase não há diálogo. Promover cursos a distância por si só, não indicam inovação e nem mudança de paradigma.

A comunidade escolar vivencia por um lado o paradigma positivista impregnado nas suas ações e por outro os laboratórios de informática com suas possibilidades de acesso a inúmeras informações.

Porém, não se pode simplesmente romper com o que está estabelecido. Não se inova sem processo. A mudança não ocorre somente pelo querer. Não se pode descartar o que existe, mas sim vivenciar essa contradição.

O problema de minha pesquisa é investigar se **a ocorrência das estratégias do Sentir-pensar em ambiente virtual pode levar a uma mudança de paradigma educacional a partir do olhar da complexidade.**

Na Linha de Pesquisa Metodologia da Pesquisa a partir da Complexidade e do Pensamento Eco-sistêmico, o estudo da complexidade, dimensão ontológica, dimensão epistemológica, dimensão metodológica, pensamento eco-sistêmico, subjetividade, objetividade, dialógica, dialética, inter e transdisciplinaridade tem dado a clareza da complexidade da vida, da relação professor X aluno, de alteridade e especialmente me levado ao auto-conhecimento, à reflexão, a ação e nova reflexão, indicando que somos seres relacional, multidimensional.

É o sujeito interdisciplinar que desenvolve pesquisa interdisciplinar. A interdisciplinaridade nasce da prática de uma ação vivida. Ela possibilita recuperar a epistemologia das disciplinas. Na pesquisa é preciso encontrar o que é fundamental, estudar os vários conceitos imbricados na fundamentação teórica e eleger aquele(s) fundamental, bem como, o caminho a ser seguido para esclarecer o problema de pesquisa.

As pesquisas em educação têm privilegiado o fenômeno não valorizando a dimensão ontológica que é a concepção de mundo do investigador; dimensão epistemológica que na pesquisa qualitativa *significa os fundamentos do conhecimento que dão a sustentação à investigação de um problema* (CHIZZOTTI, 2006). Na visão ontológica, a visão do ser é dependente da visão de realidade.

Minha intenção com este texto foi mostrar a ação interdisciplinar que tenho desenvolvido em relação às disciplinas oferecidas pelo mestrado Educação: Currículo. São conclusões prévias, pois a partir da espiral ação, reflexão, ação o processo não termina, pois a cada nova ação situações emergentes vão surgindo e necessitam de novas reflexões. Terminei citando Pineau: *Fazer um sistema vivo calar é matá-lo como sistema autopoético.* (PINEAU, 1999)

A seguir coloco o texto, Meu olhar sobre GEPI, que também faz parte deste caminhar nas trilhas do mestrado, porém reescrito a partir deste texto...

### ***O GEPI e eu***

Importante ressaltar: apenas dois meses de convivência,

Navegando pelas experiências do Grupo, contagiando meu ser, conduziu-me a

**T**ransitar pela minha história de vida

**E**ncontrar-me entre minha origem lá na zona rural das Minas Gerais, minha formação acadêmica no estado de São Paulo, minha prática pedagógica na porta de entrada para o pantanal sul-matogrossense e agora retornando à academia na PUC-SP

**R**evigorando, reconstruindo, construindo, desconstruindo, convivendo agora com as incertezas

**D**iferente! Percebendo meus equívocos pedagógicos, bem como, as ações coerentes na prática, encontro-me integrante do GEPI que me apresenta a

**I**nterdisciplinaridade, como um dos caminhos a ser trilhado, quem sabe, na busca de

**S**entido para a vida

**C**aminhando junto, com e para o outro

**I**mpossibilitada muitas vezes de contribuir, retribuir

**P**ensando, repensando, reformulando, refletindo

**L**adeada por um grupo que deixou de ser apenas um grupo qualquer para se tornar num Grupo que acolhe, converge, diverge, mas que

**I**nstiga também a buscar nos referenciais teóricos um

**N**ovo alicerce, uma sustentação

**A** partir do qual posso ir vislumbrando e sentindo as razões do abraço, do sorriso, das lágrimas

**R**isos e aconchegos, seriedade e coerência de

**I**vani e todos que do GEPI fazem parte,

**D**ignificando a educação com atitudes congruentes com a teoria

**A**proximo-me calada, atenta, tentando compreender cada fala, cada gesto, cada olhar para a partir

**D**esta experiência poder retornar à escola pública compreendendo seu sentido para os colegas professores, os alunos e a comunidade

**E**sperando, com esperança, um dia poder contribuir com atitudes, gestos, olhares, falas e ações pedagógicas para uma educação humanizadora e transformadoras.

O GEPI e eu, após a reflexão

Interdisciplinaridade

**N**ova reflexão levou-me a

**T**ransitar pelas disciplinas

**E**m curso no ano de 2006

**R**elembrando conceitos fundamentais

**D**esvelando os equívocos e reelaborando

**I**nterconexões

**S**em, contudo desprezar as disciplinas

**C**omplementares ao pensamento Eco-sistêmico

**I**mpossível agora de conceber o

**P**aradigma tradicional que

**L**imita, promove a disjunção, a separação

**I**ndeterminação, incertezas

**N**ovos conceitos vão sendo explicitados

**A** partir dos teóricos estudados

**R**efletidos,

**I**ncorporados

**D**esmistificando o saber

**A**proximando-me dos docentes e

**D**iscentes

**E**m busca de novas alternativas por uma educação significativa a todos

## **Referências**

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. trad. Lucie Didio. Brasília, DF. Líber Livro Editora. 2004. p. 87

\_\_\_\_\_. **A pesquisa-ação**. trad. Lucie Didio. Brasília, DF. Líber Livro Editora. 2004. p. 94

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2006

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo. Paulus. 2003

FELDMAN, Marina Graziela. **Questões contemporâneas: mundo do trabalho e democratização d conhecimento**. Campinas. Papirus. 2003. Inn: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (orgs). **Políticas Educacionais: o ensino nacional em questão**. Campinas. Papirus. 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 5ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1978

GAUTHIER, Jacques Zanidê. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sóciopoética**. Inn: Revista Brasileira de Educação. Nº 25. 2004

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. trad. Edgar de Assis Carvalho. 7ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2005

PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro. **Viver, compreender, amar**. Inn. PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro (org). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Garamond. 1999.

PINEAU, Gaston. **O sentido do sentido**. Palestra proferida no 1º Encontro Catalisador promovido pelo CETRANS da Escola do Futuro – USP. Itatiba, SP. 15 a 18 de abril de 1999

PONCE, Branca Jurema. **Os limites e possibilidades da aula como instrumento de transformação social – uma reflexão**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. 1989.